

SESSÕES DO PLENÁRIO

26ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 20 de maio de 2016.

PRESIDENTE: DEPUTADO MARCELINO GALO (AD HOC)

Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a sessão especial de outorga do Título de Cidadão Baiano à economista, cientista política, ambientalista, militante da política, da cultura e das artes Elizabeth Maria Souto Wagner, (palmas) proposta pelo deputado Marcelino Galo.

Convido para compor a Mesa as seguintes personalidades: deputado federal Jorge Solla; Sr. Juca Ferreira, atual ministro nomeado pela presidente eleita deste País, Dilma Rousseff – o Cerimonial errou, porque colocou aqui ex; Srª Mariana Wagner, filha da homenageada, representando a família; Srª Vice-Reitora Georgina Gonçalves, representante do reitor da UFRB, Sílvio Soglia; o ouvidor-geral do Estado, Sr. Yulo Oiticica; o presidente da Fundação Pedro Calmon, Sr. Zulu Araújo; a presidente do Conselho Municipal dos Direitos da Mulher, Srª Madalena Noronha; a vice-diretora da Escola de Dança da Funceb, Srª Maria Virgínia Costa; a representante nacional do Movimento de Catadores de Material Reciclável, Srª Sônia dos Santos; o presidente da Central Única dos Trabalhadores da Bahia, Sr. Cedro Silva. (Palmas)

Solicito ao Cerimonial e aos netos da homenageada, Júlia, Laura e José Wagner, que conduzam a Srª Bete Wagner a este recinto.

(A homenageada adentra o Plenário.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Convido a vereadora Vânia Galvão para também compor a Mesa. (Palmas)

Convido todos os presentes para ouvirmos a execução do Hino Nacional.

(Apresentação do Hino Nacional.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Assistiremos a apresentação do grupo teatral Rosas da Democracia, um presente do Sindicato da Polícia Rodoviária Federal.

(Apresentação teatral.)

(Declamação do poema sobre a vida de Bete Wagner e para a filha que nasceu no exílio.)

CAMARADA MARIANA

Vejo teu rostinho dormindo na minha frente

E toda uma possível vida me passa pela mente
Essa boquinha de cebola, esse narizinho de batata
Essa agrura toda,
Essa fortaleza,
Esses já sofrimentos tão grandes...

Não te desejo um mundo, de fartura e gozo
Porque o tempo não é de fartura e gozo
Não te desejo um mundo coberto de flores
porque as flores andam murchas
Não te desejo mil felicidades
porque a felicidade não vem, sem Luta!
Não te desejo uma vida calma, sem atribulações
porque é nelas que se cresce
Não te desejo uma vida segura e respeitável
porque isto significa compactuar com tantas coisas,
Enfim, não te desejo nada do que se deseja
porque o que se deseja é manter uma situação miserável
de penúria, de sofrimentos, de morte do homem
em todos (e como é todos) os sentidos

Não te desejo um mundo de paz
porque não é a paz que liberta a gente
Desejo que você tenha sempre
a vontade de ser você mesma
e que isto signifique dar a sua vida pela vida da gente,
vida mais sadia
mais humana
e te chamem simplesmente
Camarada Mariana

Desejo que você saiba sempre
encontrar a palavra certa, o gesto certo
para as pessoas verem as coisas com clareza
e contigo, encontrar a forma certa
de lutar
E que essas pessoas agradecidas,

não te deem presentes, nem glória,
mas te chamem simplesmente
Camarada Mariana

Desejo que você mantenha sempre
a calma necessária
para saber o que é certo nos momentos difíceis
E mesmo, que encontre a derrota
e o desespero
reste sempre a vontade
de ser mulher, de ser humana
Camarada Mariana

Desejo que você veja sempre
claro o teu caminho
E que mesmo que trilhá-lo seja difícil, que isso valha a pena
E que as pessoas que com ele cruzarem
fiquem com a lembrança
de uma coisa boa, que seja um impulso para se tornarem mais humanas
Camarada Mariana.

(Palmas)

(Continuação da apresentação teatral.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Quero agradecer as rosas da democracia, neste momento em que se lhe crava um espinho. Também quero cumprimentar o Sr. Deputado Federal Jorge Solla, e agradecer a sua presença; o Sr. Juca Ferreira, nosso ministro da Cultura; a Sr^a Mariana, a quem faço uma saudação especial, filha de Bete Wagner, cantada aqui em versos e prosa; a Georgina Gonçalves, vice-reitora da UFRB; a Sr^a Vânia Galvão, vereadora de Salvador; a Sr^a Madalena Noronha, presidente do Conselho de Mulheres de Salvador; o Sr. Zulu Araújo, nosso companheiro, sangue novo sempre; o Sr. Yulo Oiticica, nosso ouvidor-geral; a Sr^a Maria Virgínia Costa, do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis, essa luta que está presente na vida de Bete; o Sr. Cedro, presidente da CUT, nosso companheiro e, enfim, a Sr^a Bete Wagner, a quem esta Casa presta essa merecida, grande e justa homenagem (Palmas). Saúdo a todos vocês e agradeço as presenças neste compromisso que esta terra tem, neste compromisso que esta Casa tem de fazer esta justa homenagem de oferecer, de forma simbólica, esta possibilidade de trazer para a Bahia de forma que pudéssemos oferecer este título, que é simbólico mas é real, pela vida dedicada dessa militante política, dessa mulher guerreira, determinada, à nossa terra. Então, saudando a todos vocês, quero dizer que (Lê) “A “flecha do tempo”, diriam os físicos teóricos, impõe ao tempo a direção do futuro,

sempre. Os historiadores, por sua vez, diriam que o passado explica o presente, e pode-nos ensinar lições para o futuro. Nós, marxistas, em nossa filosofia da história, acreditamos que os homens e as mulheres fazem a história, mas não da forma que escolheram simplesmente, mas sob as circunstâncias que lhes foram legadas pelo passado.

Vejamos, pois, a história de nosso estado. A história contemporânea da Bahia, sobretudo em Salvador, registra o nome de Elizabeth Maria Souto Wagner, ou simplesmente Bete Wagner, como é conhecida.

Com a redemocratização do Brasil, as forças progressistas se unificavam para derrotar o carlismo na Bahia, que perdeu as primeiras três eleições em Salvador: Mário Kertész (PMDB), o primeiro a ser eleito em período democrático (1985), Fernando José (PMDB) em 1988 e, por último, Lídice da Mata, candidata do PSDB em 1992.

Para se entender o momento, é preciso lembrar que, em 1986, Waldir Pires, do PMDB, ganhou a disputa para o governo do Estado e marcou uma das mais relevantes derrotas do carlismo aqui na nossa terra.

E, em 1989, houve uma aliança, liderada pelo PCdoB, representando e representada por Lídice da Mata nas eleições para o governo do Estado. O PSB era representado por Salete Silva como candidata a vice-governadora. E a representante do PCB, a nossa amiga Bete, concorreu ao Senado.”

Como aqui já foi colocado, a chapa ficou conhecida como as “Três Marias”. Essas “Marias” pavimentaram o caminho para as vitórias de Lídice e Bete nas eleições municipais de 1992 com a coligação “Frente Salvador Amor e Luta” que reuniu os PSDB, PV, PT, PDT, PPS, PSB, PCdoB e PMN e, posteriormente, PMDB.

(Lê) “Bete Wagner possui graduação em economia pela Universidade Federal da Bahia em 1999; mestrado em Ciência Política e Sociologia pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro em 2001; e doutorado em Ciência Política pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro em 2009; e conta, também, com um ano de permanência no MIT.

Com experiência na área de ciência política, sobretudo na teoria política contemporânea, Bete Wagner participou da elaboração e da execução de políticas públicas, especialmente, para as áreas de mulheres, meio ambiente e educação quando vereadora, quando vice-prefeita, quando secretária de Educação de Salvador e, ainda, quando diretora-geral do Instituto do Meio Ambiente da Bahia.

Ainda estudante, Bete deixou o Rio de Janeiro e a universidade para não ser presa pela ditadura.

Eram tempos de longa noite autoritária. Agora, ela está a registrar as suas memórias e, assim, definia esse momento de transformação da seguinte forma:

‘Apesar das imensas dificuldades, havia uma força poderosa a nos mover: a política. Ela, esta política interpretada por nós como a mais digna das atividades humanas, importava mais do que qualquer coisa naquele momento. Tínhamos ingressado numa universidade paralela, que se descortinava a cada dia mais instigante

no decurso daqueles anos recentes. Era a Universidade da ‘Polis’. A ‘política’ tinha nos capturado, abrindo-nos os horizontes da vida, permitindo-nos compreender que nada era mais relevante do que declarar nosso amor ao mundo. Estávamos fascinados pelos assuntos públicos que nos davam a passagem à inclusão nos assuntos dos homens/mulheres, no plural sempre, e consequentemente, nos permitiam tangenciar o significado do poder político.

De tal maneira fizemos isto que nos tornamos, todos, ainda no limiar entre a adolescência e a vida adulta, inexperientes, ingênuos até para o tamanho do desafio que se avizinhava, uma ameaça à ‘segurança nacional’.

A brutalidade e a insensibilidade com que foi tratada toda uma geração de jovens brasileiros traduziam a covardia e, até diria, uma egolatria doentia de quem queria controlar o futuro, eliminando as perspectivas dos que se iniciavam no mundo adulto das grandes decisões de caráter público. Concentravam no seu presente o destino de toda uma sociedade, numa pretensão intolerante e onipotente.’

Foi essa jovem comunista que desembarcou na antiga rodoviária de Salvador, no bairro da Sete Portas, junto a Jaques Wagner, seu companheiro, e Mariana, sua filha, então uma recém-nascida com apenas 3 meses. Sobre isso, Bete diria décadas mais tarde.

‘A pobreza da cidade naquele entorno arregalou nossos olhos para cenas que jamais cogitaríamos existir. As pessoas nos chamaram atenção pelo físico muito esmirrado que nos deixava um senso de exploração, de maltrato, nunca antes observado. O conjunto da cena continha uma força avassaladora. Afinal, o ‘sul maravilha’ não nos aparecia com uma pobreza tão ostentatória.’

E a vida seguiu seu curso. Foi operária gráfica e, posteriormente, bancária do Banco do Brasil mas, sempre, atuante. Eleita vereadora de Salvador, para o período de 1989-1992, participou das comissões da mulher e do meio ambiente, destacando-se pelas contribuições para a Lei Orgânica.

Em 1990, Bete integrou a chapa das mulheres que encantou a Bahia e viabilizou a eleição de duas mulheres para a prefeitura de Salvador. Como vice-prefeita e secretária de Educação, liderou muitas realizações como o Plano Decenal; a 1ª Conferência Municipal; a introdução da pedagogia interétnica na educação ambiental; e a eleição de diretores para as escolas.

Bete Wagner assumiu, em 2007, a direção do Instituto do Meio Ambiente da Bahia, liderando outra gestão de sucesso, quando foram batidos recordes de licenças emitidas, sem, entretanto, descuidar da qualidade ambiental.” (Palmas)

Isso é uma boa reflexão para este momento. (Palmas)

(Lê) “A Bahia de Todos os Santos ganhou um Programa de Gestão Integrada. Cursos de mudanças climáticas e a construção sustentável entraram em pauta e a Bahia ganhou o Memorial do Meio Ambiente Professor Milton Santos, o único no país.

Notável, também, é a sua contribuição para o desenvolvimento da cultura e das artes na Bahia, onde, com sua militância, defende os interesses das artes como dança,

música e outras linguagens culturais. Apaixonada pela dança sobretudo, Bete Wagner organiza, conjuntamente com nosso mandato, há 3 anos seguidos, a ‘Semana da Dança’ na Assembleia Legislativa.” (Palmas)

Esta é uma oportunidade em que os grupos de dança de toda a Bahia se apresentam nesta Casa Legislativa. Assim, oferece-se a oportunidade de vermos outro discurso, o discurso verdadeiro, aquele expressado através do nosso próprio material que é o nosso corpo.

(Lê) “Por tudo o que ela representa para nosso Estado e nosso povo, a carioca Bete Wagner merece esta homenagem, pois já é, de fato, baiana.

A flecha do tempo, Bete, lhe trouxe até aqui e aqui.

E aqui estamos, novamente, vivendo um tempo de arbítrio e ultraje à democracia. Hoje, assim como no passado, um interventor ilegítimo se transveste de presidente para impor uma agenda derrotada nas urnas e rejeitada pela população brasileira, mas agora viabilizada por um golpe parlamentar e judicializado.

O tempo presente, companheira, nos exige coragem, luta e perseverança.

Entretanto, essa luta seria muito mais difícil sem você, a nos impulsionar as ações. Que se acautelem os nossos inimigos. Aqui, presente, está Bete Wagner. E seu papel na vida não é de submissão a um governo prenhe de golpistas, mas de resistência democrática.

Viva Bete Wagner!

Viva a democracia.” (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Agora, nós vamos, de certa forma, quebrar o protocolo para ouvir as necessárias, justificáveis, importantes palavras daquele que é também conhecedor da vida de Bete, – pois militaram juntos no PV e depois vieram para o Partido dos Trabalhadores –, o nosso verdadeiro Ministro da Cultura deste País.

Então, Juca Ferreira. (Palmas)

O Sr. JUCA FERREIRA:- Bom-dia a todos os presentes. Eu queria saudar a Mesa, na pessoa do presidente da sessão, Marcelino Galo, um parlamentar de primeira qualidade que dignifica a política na Bahia. Às vezes, em certos momentos, nos quais a política chega ao nível do chão, é importante a gente lembrar dos bons políticos e dos bons parlamentares, para manter a expectativa. (Palmas) Queria saudar Solla também, outro grande parlamentar que dignifica a Bahia no parlamento; Vânia Galvão, também, vereadora da cidade, uma longa contribuição para esta cidade, para a educação desta cidade, para outras áreas do funcionalismo.

Eu queria homenagear meu amigo Zulu, que, foi dito aqui, é sangue novo – eu concordo. (Palmas) Zulu será sempre sangue novo. Não é não, Zulu? Beleza. Queria saudar a todos. Mariana Wagner, que conheço também, minha amiga Bete, que estou deixando para a fala; Georgina Gonçalves; Madalena Noronha; Yulo Oiticica,

também, outro político importante, ligado aos segmentos católicos da cidade, mas que tem uma postura muito ecumênica. Eu queria até aproveitar para comentar uma coisa. Eu gosto desse quadro, desse mural. Tem uma linguagem mais tradicional, mas tem algo delirante e tem uma grande homenagem à Bahia e, particularmente, à cidade de Salvador. É absolutamente ecumênico e presta uma homenagem às raízes culturais da cidade. Deve ser difícil, neste plenário, discriminar as religiões de origem africana pela presença das divindades nessa homenagem que está aí. Eu gosto desse quadro por isso, porque aqui, dentro do centro do poder político e parlamentar, há uma homenagem, dessa estatura, de um grande artista baiano. Acho que isso pode permitir que a nós renovemos permanentemente nosso compromisso com as identidades culturais da cidade. Sintam-se todos homenageados, ou passarei um tempo enorme homenageando um a um.

Conheci Bete e Wagner quando eu voltava do exílio, eles eram casados. Depois, pela militância política – mas não só por isso; não é, Bete? Nós fomos criando uma amizade e praticamente em todos os bons combates desta cidade, de 1980 para cá, eu e Bete estivemos juntos, na batalha. Desde a luta pela Fábrica do Rio Vermelho; a luta contra a verticalização da orla, que iria sufocar o bom ar e aumentar a temperatura da cidade. Na luta pelos direitos das mulheres; na luta pelos direitos humanos; nas lutas culturais, sempre estávamos juntos, procurando definir um perfil democrático num estado que foi marcado como um dos mais mergulhados no autoritarismo, durante o período militar. E essa é uma amizade, eu diria, democrática dentro de padrões que construímos nessas lutas todas da cidade. E nos tornamos amigos justamente por isso.

Eu diria que Bete, como prestei homenagem aos parlamentares da Mesa, é uma das pessoas que dignifica a atividade política. Exerce a atividade política por consciência e disposição de dar uma contribuição para a coletividade. Foi candidata a vice-prefeita, foi eleita, foi também candidata a outros postos. Tem uma militância institucional como suporte do deputado Marcelino, dando uma contribuição permanente para que a presença da cultura, nesta Casa, seja forte. Já definiram que ela deu uma bela contribuição para a área da dança, mas não só da dança. É uma pessoa que é um quadro da cidadania na Bahia, um quadro no sentido da linguagem da militância, porque são aquelas que se dedicam não apenas em algumas horas do dia, mas dedicam a vida a contribuir para o desenvolvimento da sociedade e da democracia.

Nós militamos no Partido Verde, saímos do Partido Verde e nos filiamos ao PT, como homenagem ao que o PT significa de compromisso com a luta pela igualdade social, pela construção da democracia, pela construção de uma sociedade de direitos e evidentemente não fomos pelos erros do percurso, mas pelos acertos do percurso. Então vamos ter uma contribuição a dar no sentido de permitir que a gente inicie um novo ciclo político, não só em Salvador e no Estado, mas queremos contribuir para o novo ciclo político no Brasil.

Com a eleição do presidente Lula, experimentamos um processo muito intenso de construção de direitos e respeito à cidadania, de transformar a democracia em algo

participativo, em que a sociedade tenha uma contribuição a dar, através dos movimentos organizados. Mas chegamos num momento em que esse período, que se iniciou em 2003, se esgotou, e é preciso renovar todos os compromissos para que a gente siga em frente.

Esse golpe que está em marcha e que eu espero que não se consolide. Entendo que com essa tentativa de tirar a presidenta eleita com 54 milhões de votos exatamente para ser substituída pelos perdedores, acho que não só o PSDB, mas os partidos conservadores desistiram da democracia, porque já perderam algumas eleições e a perspectiva é que venham perder mais algumas.

Nas condições normais de temperatura e pressão, o povo brasileiro praticamente já definiu, e as estatísticas as pesquisas revelam, que eles não ganham a eleição para o ex-presidente Lula neste país. Eles desistiram e estão buscando um atalho para consolidarem-se no poder. E acho que com toda manipulação da imprensa, com todo esse investimento de consolidar um golpe parlamentar, a sociedade brasileira está, não sou eu que digo, as pesquisas revelam, crescentemente rejeitando o golpe. Quanto mais eles falam e revelam os planos, mas a população brasileira rejeita esse golpe.

Querem destruir o SUS, querem destruir todos os direitos conquistados na sociedade por todos os segmentos, pelas mulheres, pelos negros, pelos trabalhadores, pela juventude e os direitos culturais. Não é por coincidência que a primeira medida do governo provisório, desse governo ilegítimo, foi acabar o Ministério da Cultura. Não é coincidência que a primeira medida da redemocratização foi criar o Ministério da Cultura num gesto simbólico de constituir as condições para a construção de um projeto de nação que não trate apenas das mercadorias, do mercado e do dinheiro, mas que abra a perspectiva de construir um país mais igual, onde as pessoas tenham direitos, tenham qualidade de vida, tenham condições de realizar plenamente a condição humana de cada um dos brasileiros e brasileiras. Então nós estamos vivendo um momento difícil, um momento no qual a crise econômica, os erros cometidos, o massacre da mídia, o apoio de setores do Judiciário, permitiram que eles criassem uma base de sustentação da sociedade, mas à medida que eles vão falando, a fala do ministro da Saúde anteontem foi reveladora. Ele chegou a falar que o Brasil tem que saber de que não pode ter a pretensão da universalização da saúde pública; ele quer acabar o SUS. E todos os outros começam a falar, e à medida que começam a falar, começam a revelar o verdadeiro programa desse governo que representa um golpe no Brasil. Então, Bete, num momento difícil como esse, as pessoas que dignificam a política no Brasil vão ter uma responsabilidade enorme de transformar a insatisfação popular com o golpe e com as medidas que eles pretendem implantar em processos de resistência e de construção de um projeto democrático que consiga dar continuidade ao que já conquistamos e precisamos consolidar para avançar ainda mais com mais direitos para os trabalhadores, mais direitos para a juventude, mais direitos para as mulheres, mais igualdade entre negros e brancos. Tudo isso é parte do programa que já está consolidado na sociedade e não haverá mistificação e nem manipulação de opinião que vá possibilitar um retrocesso dessa ordem. Então queria parabenizar o

deputado Marcelino por essa homenagem. Queria parabenizar a homenageada e dar o meu testemunho da sua disposição de luta que conheci, desde 80 quando voltei. Tivemos uma convivência em praticamente em todos os bons combates da cidade. Então minhas homenagens aos bons combatentes e, particularmente a você, que se tem revelado uma pessoa absolutamente comprometida com o povo de Salvador, com o povo da Bahia e com o povo do Brasil.

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Agradecemos a participação do ministro da Cultura Juca Ferreira.

Quero registrar as presenças de Fábio Franco, presidente do Sindicato da Polícia Rodoviária Federal; de Carmelindo Prates, Sindicato dos Bancários; da capitã Daniela, representante do chefe da Casa Militar; de Zilton Rocha, ex-Conselheiro do TCE; Carlos Chenaud, representante da regional do Ministério da Cultura; Paulo Souza, presidente do Conselho de Saúde da Liberdade; Welton Luiz Costa, chefe de gabinete do Inema; Eduardo Mattedi Werneck, muito obrigado pela sua presença, que é do Ministério da Cultura, também; Ana Gomes Cordeiro, que é da Associação dos Servidores do Inema; Rosalvo Júnior, representando o movimento sócio ambientalista; Antrifo Sanches, diretor do Ballet do Teatro Castro Alves; Rose Lima, diretora artística do Teatro Castro Alves; Fátima Suarez, representante da Escola Contemporânea de Dança; Hamilton Oliveira, presidente da Fammceba, coordenador estadual do Conen; Alfredo Boa Sorte Júnior, representante do PCdoB; Guiomar Germani, professora da UFBA, articuladora do Geografar; Daniel Colina, do Conselho Nacional de Estudo e Arquitetura do Brasil; Wilson Andrade, diretor-executivo da Associação Baiana de Empresas de Base Florestal; Adenilson Luis Santos, representante do terreiro Ilê Axé de Togum; Lázaro Faria, presidente da Casa de Cinema da Bahia; Jorge do Portal, vereador de Biritinga; Jocélia de Souza, vereadora de Itamaraju; Cleidson Neves, presidente da Fundação Agente de Direitos da Criança e de Adolescentes do Estado da Bahia; Cláudio Mascarenhas, do Germen; Sandra Pereira, representando os alunos da Escola do Teatro Bolshoi, que Bete é apaixonada; Edvaldo Vivas, que é promotor da 6ª Promotoria do Meio Ambiente; o movimento de luta dos trabalhadores MSTs aqui presentes.

Obrigado a todos pela presença. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Agora, convido a representante da família que todo mundo se referiu, Mariana Wagner, que chegou na Bahia com 3 meses. A partir de hoje, sinta-se baiana junto com sua mãe. Ela, que vai representar a família neste ato. (Palmas)

A Srª MARIANA WAGNER:- Na verdade, os filhos da família serão representados, depois, por Clara, que vai brindar a gente com uma dança.

Eu vou ler um texto que foi enviado por minha tia Lúcia, que é irmã gêmea de minha mãe. Ela está ausente, mas fez questão de se fazer presente, pela história delas

duas desde a barriga da mãe delas. Ela está ausente porque está fazendo mestrado em Coimbra e não pôde estar aqui.

(Lê) “Bete, cidadã baiana num tempo de grandes desafios. Uma vida se passou desde a nossa diáspora imposta pela ditadura militar: o exílio de vocês para o interior do País; passou pelas periferias de Minas, São Paulo e, finalmente, o encontro profundo, ancestral, com as terras baianas. Vida sempre construída com simplicidade, alegria e garra nas vielas da Soledade, na Fazenda Grande, em Itacaranha e Engenho Velho de Brotas. Os passeios inesquecíveis de ônibus para a praia da Ribeira com a criançada. Todos felizes por depois poderem saborear o delicioso sorvete. O curso tão desejado no Senai. O trabalho na fábrica de azulejos, o Sindicato dos Gráficos, construindo com companheiras e companheiros, momentos de lutas memoráveis. As campanhas salariais e lutas do Sindicato dos Bancários. Vereadora, a luta feminista, a experiência inédita da chapa das mulheres Lídice, Salete e Bete, que emocionou e deu o que falar. A prioridade da luta ambiental, por entender ser este um tema estratégico de um projeto civilizatório. A paixão pela dança, arte e cultura. A paixão pelo Carnaval, pelas festas do Bonfim, de Iemanjá, a intimidade e emoção com cada pedacinho da Bahia. A volta à universidade, que tinha sido interrompida pela ditadura. O doutorado, na busca de compreender, para melhor colaborar, com os desafios de construção de um Brasil que enfrentasse as ancestrais desigualdades que ainda nos fazem um dos países mais desiguais do mundo.

Sua luta, a nossa luta de gerações de brasileiras e brasileiros, não foi em vão. Com todas as limitações, os governos Lula/Dilma representaram conquistas pelas quais lutamos, como a retirada de 40 milhões de brasileiros da miséria e da fome; o aumento real do salário-mínimo, o maior registrado na série histórica do IBGE; o aumento substancial de estudantes no ensino superior, com a marca impressionante de que 35% dos estudantes de nível superior no País hoje são os primeiros de suas famílias a ingressarem na universidade; a inclusão de milhões de brasileiras e brasileiros em políticas públicas que promovem a igualdade e diversidade, enriquecendo a vida e a cultura do País e que impactaram na qualidade de vida, como a redução da mortalidade infantil e o aumento da expectativa de vida.

Sei que nesse dia, de celebração e afirmação de compromissos com os valores de toda uma vida, você nunca imaginou que estaria tendo que lutar de novo pela democracia do Brasil.

O reconhecimento de sua cidadania baiana chega num momento crucial de nosso País. Os golpistas sem voto afrontam a cidadania brasileira e mundial com truculências inimagináveis, como a ousadia de nomear um ministério misógino de homens, brancos, ricos e muitos denunciados por corrupção. Têm a arrogância de imaginar que podem liquidar ditatorialmente com a cultura, direitos sociais e, com isso, a exuberante diversidade étnica, racial, cultural, arduamente conquistada.

Os golpistas querem nos empurrar, goela abaixo, um programa derrotado nas urnas: o ultra-neoliberal. *Uma Ponte para o Futuro*, popularmente conhecido como “A Pinguela para o Passado”. O objetivo é liquidar a Constituição de 88, pois, para eles, a democracia não cabe no Orçamento. O Brasil é para os menos de 1% dos que

se pretendem donos do País.

Querem interromper, no grito, o enfrentamento das desigualdades. As reformas distributivas, como a tributária que incide sobre os privilégios dos super ricos e sonegadores da FIESP, sistema “Globolpista” e Temer, que prega ordem e nem IPTU paga em São Paulo. A disputa realizada hoje no Brasil é uma disputa civilizatória, de repercussões globais, pelo papel estratégico de nosso País na geopolítica global. Os movimentos de reforço do Mercosul, como a Unasul, a Celac e o BRICS apostaram na direção de um mundo mais diverso e plural. Sei que estará entre os que não serão passivos diante da decisão dos golpistas de submeter o País e vampirizar nossas riquezas, a exemplo da Petrobras e do pré-sal.

Bete, querida, minha admiração, respeito e orgulho pela simplicidade, garra, e profundo compromisso de vida por um Brasil, com arte, cultura e delicadeza, amoroso e solidário, que vamos continuar construindo.

Os golpistas fascistas não usurparam nossas vidas. A soberania do voto popular e a democracia tão arduamente construída por pessoas com nome e sobrenome, como você. Parabéns! Muito axé.

Lúcia Souto.” (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Quero agradecer a Mariana. Aproveito para registrar a presença de Maria Helena Souza, assessora de Lídice, que nos enviou uma correspondência que diz: (Lê) *“Congratulo-me com a Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, em especial com o deputado Marcelino Galo, pela outorga do Título de Cidadã Baiana à economista Beth Wagner.*

A homenageada, carioca de nascimento, há mais de 30 anos radicada na capital baiana participando ativamente da vida política, ambiental e cultural do estado, consolidou-se como uma importante liderança local.

Beth Wagner foi minha companheira em vários episódios da história recente da Bahia. Em 1990 concorremos - Lídice, Salete e Beth - ao governo do estado com uma chapa só de mulheres que ficou conhecida como as "Três Marias". Dois anos depois, disputamos a prefeitura de Salvador. Vencemos. Na nossa gestão, ela foi vice-prefeita e, também secretária municipal de Educação.

Pela sua contribuição à renovação política do estado da Bahia, à preservação do meio ambiente e apoio a diversas linguagens artísticas, em particular a dança, renovo minhas felicitações ao deputado Marcelino Galo pela iniciativa.

Parabéns, à nova cidadã baiana.”

Assina Lídice da Mata. (Palmas)

Agora outra homenagem, com a dança da filha Clara. Boa sorte!

E aqui a filha da homenageada, então, por favor.

(Apresentação de dança.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Vimos que puxou à mãe mesmo!

Então, obrigado Clara, viva a internacional! (Palmas)

Agora vou passar às mãos da Sr^a. Elizabeth Maria Souto Wagner, o Título de Cidadã Baiana, que lhe concede a Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, aqui convido os filhos Mônica, Mariana, Mateus e Clara, convido também os netos Júlia, José Wagner e Laura, para virem até aqui, para a gente fazer essa justa homenagem a Bete, nossa querida Bete Wagner. (Palmas)

(Procede à entrega do Título de Cidadã Baiana.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Tenho a satisfação de passar a palavra à nossa conterrânea baiana, Bete Wagner.

Registrar a presença da deputada Luiza Maia, aqui junto com a gente.

A Sr^a ELIZABETH MARIA SOUTO WAGNER:- Eu queria, inicialmente, agradecer com muita sinceridade mesmo, até porque ele se tornou um parceiro meu dos últimos tempos, uma grata e nova parceria, que é o Marcelino Galo, que teve essa iniciativa, à minha revelia, é verdade, ele não me consultou não me falou nada, mas propôs esse Título de Cidadã Baiana.

Queria agradecer a esta Mesa, também, que é tão representativa dos tempos de Bahia que passei. Vou começar até por você Jeane, que é do movimento nacional de catadores, que tem uma trajetória muito grande conosco no trabalho na área de meio ambiente, na questão dos resíduos sólidos. Tem uma lei aprovada no País e no Estado, e no entanto não conseguimos sair do mesmo lugar em relação à questão dos resíduos sólidos, você é uma parceira e uma guerreira.

Agradecer a Virgínia que está aqui representando a área da dança, representando a área cultural do Estado.

Agradecer à companheira que é dirigente, também, me desculpe companheira, mas me lembre a representação. Ah, é a representante da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Quero agradecer a Jorge Solla, comentei com ele lá fora, a importância que tem assumido o mandato dele nacionalmente. Você se tornou, hoje, um político de representação nacional, Solla! E é com muito orgulho que dizemos isso. (Palmas) Agradeço a Mariana, minha filha querida. Tivemos uma encenação, no início, que me lembrou muito os filmes de Glauber – até comentava com Juca. Ele disse: “A Bahia é assim mesmo, a Bahia é essa coisa que também está aqui nesse painel.”

Enfim, fico até constrangida em falar de Mariana, sendo bem sincera; porque atualmente falar de família é difícil, depois daquela cena de horrores do dia 17 de abril de 2016. Aquilo é inesquecível, foi como uma porrada em nossa cabeça. Todo mundo, em nome da família e de Deus, falando as maiores barbaridades que se pode ouvir no mundo. Enfim, a minha família, pelo menos, tem tido exemplo de não confusão entre as coisas públicas e as privadas. O público é sagrado; o privado tem que ficar recolhido, sem luz do dia, porque não se pode misturar com bem público e coisas públicas.

Agradeço a você, Juca, e, como você disse, é uma honra tê-lo aqui, o grande ministro da Cultura deste País. Lembro-me de quando você assumiu o Ministério da

Cultura, com Gil – naquela época, estávamos no PV ainda –, e o desbravamento que significou aquilo. Não existia política cultural no País. Vocês foram responsáveis – Gil e você no início; depois você no longo percurso que fez junto a Mattedi, que antes era do Ministério do Meio Ambiente e depois se agregou isso – pela construção de um sistema nacional de cultura. Foi uma proposta que introduziu o conceito antropológico de cultura.

Enfim, vocês desbravaram de tal maneira a cena da cultura brasileira que as reações que estamos vendo nesses dias não são gratuitas. Esses últimos dias, com a ocupação dos espaços do Ministério, representa o gigante trabalho, em torno da cultura, que foi feito por você, Juca Ferreira. É muita honra ter você presente aqui nesta concessão do Título de Cidadã Baiana. (Palmas)

Queria agradecer a Yulo também, parceiro com quem tenho construído recentemente uma aproximação muito grande. Mas já conhecia o seu trabalho de Yulo antes. Ele é um desses parlamentares, como bem disse Juca, aqui, que honra a vida da política. Ele mostra que a política tem aquele patamar de dignidade que reconhecemos e compreendemos como vital para a vida pública.

Madá, temos sido parceiras nos últimos tempos mais veementemente da luta das mulheres, que estão vivendo um verdadeiro retrocesso. Um excesso de misoginia; de ódio; de intolerância com a luta das mulheres fazem com que retrocedamos aos tempos em que participei, Vânia, da construção dos primórdios. Lena, Maria Helena Souza construiu a luta do movimento feminista, aqui na Bahia, como Antônia Garcia, que tem mais lugar em minha vida que o movimento feminista.

Queria agradecer a Zulu, que foi tantos anos meu companheiro do Partido Comunista Brasileiro, para muito orgulho, meu e seu, que construímos as primeiras lutas, inclusive em torno do meu mandato como vereadora. Depois também em torno do mandato na chapa das mulheres. Zulu sempre trabalhando, não só com a área de origem dele, arquitetura, mas com as questões raciais sempre de uma maneira inovadora, questionadora, nada comum. Zulu sempre trazia uma discussão variada, diversa para tratamento da questão racial.

Queria falar com você, Cedro, que tem tudo a ver com a minha vida sindical na Bahia. Cedro hoje é o presidente da central Única dos Trabalhadores, uma das maiores centrais sindicais deste País. (Palmas) Me orgulho muito de ter construído parte de minha trajetória aqui na Bahia, no movimento sindical: primeiro, no movimento sindical gráfico; depois, no movimento sindical bancário. Foi uma luta muito grande. Construímos juntos a CUT.

Você se lembra da época de Conclat? Falávamos disso – Conclat! –, num outro dia, sobre quando estávamos nos reunindo para pensar a criação posterior da Central Única dos Trabalhadores. Foi muita luta, muita dureza que enfrentamos ao longo desse anos.

A você, Vânia Galvão, que tem feito um mandato brilhante na Câmara de Vereadores, que representa a nós mulheres, como Luiza Maia, que está aqui também, que representa a nós mulheres, de uma maneira extremamente digna e combativa. Você não abre mão. Em poucos momentos eu vi uma Câmara de Vereadores como

essa, que está tão degradada, com uma representação que vira as costas para a cidade de Salvador; mas temos lá pessoas que são pilares da luta pela cidadania, que são pilares da luta pela civilidade na cidade de Salvador, como é Vânia Galvão.

Vou agradecer a Luiza Maia, deputada estadual, que tem honrado a nós mulheres, todos os dias na luta da Comissão de Mulheres, trazendo discussões delicadíssimas, como a discussão sobre as músicas extremamente agressivas para a condição mulher em geral, e criando leis, portanto, que demarcam essa questão aqui, no Estado da Bahia.

Eu tinha até escrito alguma coisa para balizar a minha fala, mas realmente nunca fui amiga de ler texto e fazer discurso escrito. Isso é uma tradição, eu não sei, não consigo falar lendo nada. É um problema que eu tenho. Vou me lembrar das coisas, as coisas estão impregnadas na minha vida.

Antes de falar da minha irmã Lúcia Souto, que mandou aquele texto, gostaria de esclarecer que naquele gestual cultural, simbólico, que teve no início, em que uma pessoa falou um texto sobre Mariana, não fui eu que escrevi. Quem escreveu o texto foi Agenor Garcia, meu querido parceiro, amigo, companheiro Adô, marido de Antônia Garcia, que veio conosco do Rio de Janeiro para a Bahia. Não fomos dois que viemos, Marcelino Galo: viemos Adô, Jaques e eu do Rio de Janeiro para a Bahia. Quando Mariana nasceu, Adô escreveu esse texto belíssimo: *Camarada Mariana*. Nunca vi um texto tão atual. Mariana, o que o seu padrinho, escolhido por você, lhe deu, está valendo, com muita força, até hoje.

Eu estava dizendo que os tempos, os desígnios – não sei nem o que é, mas devem ser os desígnios – forçaram uma situação que eu nem imaginava. Foi no ano passado que Marcelino Galo propôs o Título de Cidadã Baiana, em 2015. Já eram tempos difíceis, mas eu jamais imaginei que eu receberia um Título de Cidadã Baiana num momento como este, de crise tão grande da democracia brasileira. Nunca imaginei isso.

Quiseram os desígnios que as mesmas razões que me trouxeram do Rio de Janeiro tivessem se repetindo no dia em que recebo o Título de Cidadã Baiana. Lembro-me, éramos muito, muito jovens. Estávamos na universidade, na luta do movimento estudantil, mas não vejo aqueles que são tão jovens hoje, não vejo Elen aqui – está lá atrás. Um beijo, Elen. As pessoas como Elen, que são da juventude talvez não tenham noção do que foi ser jovem na época em que estivemos sob a ditadura militar. Vocês não tem noção. Mas, é claro, quando a Lúcia diz que entrou, realmente, para uma universidade paralela, como todos entramos, não é verdade, Zulu, Marcelino? Vocês foram contemporâneos aqui na Bahia, eu lá no Rio, desse momento em que fomos atraídos pela política. Mas ser atraído pela política em momento de ditadura não é brincadeira. Nós discutíamos todos os dias, fomos violentamente impedidos de ingressar no mundo adulto. Mas nós não queríamos apenas ingressar no mundo adulto. Queríamos ingressar no mundo da política, queríamos deliberar, queríamos influenciar sobre a vida do nosso País.

Fazer isso naquele momento significava, como significou, a morte de centenas, de milhares, de milhares de jovens brasileiros. Quantas vidas de mulheres, de

meninas, de meninos brasileiros foram ceifadas naqueles momentos. E ficaram essas coisas muito perto de nós. Quando estávamos ainda no Rio, lembro-me que começaram prisões, prisões, cada vez mais perto de nós. Nessas prisões sempre estava a batuta da questão da tortura.

Você, Yulo, que trabalhou sempre com a questão dos direitos humanos, e Marcelino, que agora dirige a Comissão de Direitos Humanos da Assembleia Legislativa, naquele momento a nossa conversa... eu me lembro... fazíamos tudo muito secretamente dentro da universidade, conversávamos entre nós sobre a tortura. Avaliávamos como resistiríamos à tortura, nos preparávamos, sabe como é?

Vocês que fazem os trabalhos de bairro junto com as comunidades, tratando da questão dos direitos humanos, naquela época perguntávamos um ao outro: “Como é que a gente faz para se construir, para dar uma solidez, para que, se a gente for pego e torturado, a gente resista, não denuncie e não delate os companheiros?”. Essa era a conversa. Imaginem vocês o que é conversa de jovens! Você, Elen, era isso que a gente conversava. Como é que a gente vai trabalhar para resistir à tortura? Lembro-me de que quando começaram aquelas de amigos bem mais próximos, amigos do dia a dia, como Antônio Ivo, Emílio... essas pessoas que foram, barbaramente, torturadas no pau de arara. Vocês não têm ideia do que é isso, não tem noção. A minha irmã gêmea, essa que mandou a carta, foi, barbaramente, torturada pela ditadura.

E nós chegamos à conclusão... estou aqui vendo parceiros de outras danças, como Vera, Bartô... naquela época enfrentávamos isso. E começamos a perceber que começou a se infiltrar para cima, em setores médios da sociedade brasileira, e até em setores mais altos, o conhecimento da tortura. E uma das pessoas que foi responsável por esse conhecimento ampliado da tortura foi Zuzu Angel.

Lembro-me disso como se fosse agora. Parece coisa distante. Aqueles que viram o filme da Zuzu Angel, eu testemunhei as nossas discussões na faculdade, tratando exatamente da morte do Stuart Angel. Ele era uma liderança, era conhecido, sabíamos quem eram as lideranças. O Stuart Angel foi torturado de uma maneira... prenderam o corpo dele atrás de um jipe e soltaram a descarga, levando o corpo dele esquarterado, e ele engolindo o ar do cano de descarga do jipe. E a mãe depois recebendo a notícia de como o filho foi torturado e morto. Imaginem vocês uma mãe receber uma notícia dessa, de como o filho tinha sido barbaramente esfaqueado por monstros como Bolsonaro, que ameaçou a presidenta Dilma, (palmas) dizendo... eu não sei de onde ele recebeu autorização nossa, povo brasileiro, para dizer publicamente ao mundo que um torturador, o horror, o terror da presidenta Dilma era um herói nacional. Herói? Herói de quem? Pelo amor de Deus! Herói de quem, um torturador pode ser?

Então essa mãe, Zuzu Angel, percorreu o mundo, como todas as mães fariam, como as mães da Praça de Maio fizeram. Ela foi para o mundo, foi para Nova Iorque fazer um desfile de modas. Ela era uma estilista conhecida no Brasil inteiro e, principalmente, da alta elite carioca e de São Paulo e levou aquele cenário devastador para o desfile de modas. Eram várias e várias estampas com tanques, com pessoas mortas. Era aquele Brasil que ela estava retratando, fazendo um testemunho sobre o

que tinha ocorrido com seu filho.

O que Zuzu Angel fez foi tão importante, que ela acabou se tornando uma pessoa incontrollável pela ditadura. A ditadura não tinha dois tempos nem duas palavras: mandava matar. E mandou matar Zuzu Angel, como matou Carlos Lacerda, como matou J.K. E olha que Lacerda foi um dos promotores do golpe. Mas não perdoaram ninguém, não passaram a mão na cabeça de ninguém. Todos, mesmo os que partilharam com eles o golpe militar, foram depois assassinados.

Portanto o Brasil e o Rio de Janeiro onde eu estava vivendo naquela época foi esse Rio de Janeiro: o Rio de Janeiro da dor da tortura e de uma luta sem trégua dos estudantes, sem trégua. Fizemos na PUC do Rio de Janeiro a Semana da Arte Moderna, em 1972, em comemoração dos 50 anos da Semana de Arte Moderna.

Sempre tive um apreço imenso, gigante pela cultura, porque sei que a cultura é estratégica para o desenvolvimento do País. Aqui estão presentes pessoas da área da dança: como Cristina, Karine, Antrifo, Rose Lima, que dirige tão brilhantemente o Teatro Castro Alves, como Antrifo, que dirige hoje o Balé do Teatro Castro Alves. São representações da cultura que nos fazem mais humanos.

Portanto quando saíamos de lá, tínhamos uma larga trajetória no Movimento Estudantil. Conseguimos ganhar todos os diretórios, conseguimos ganhar DCE, diretórios, todos.

Lembro, em um dado momento, depois que minha irmã foi presa, as pessoas mais próximas, inclusive Mônica – homenageei minha filha com esse nome, por causa dela, minha parceira de luta – que foi presa e torturadíssima. Tem um fato que é hilário, mesmo nessa loucura. Tem cenas que não esquecemos nunca. Mesmo naquela loucura toda, arranjávamos uma forma de brincar e de aliviar as coisas.

Antes da Mônica ser presa, ela foi para a casa de uma tia, para ficar protegida lá. A mãe dela – que era muito zelosa e era uma pessoa bem “de elite”, mas era muito participante, muito protetora da filha e, portanto, muito parceira de nós todos – disse para a tia assim: “Olha, a Mônica vai praí!”. Falou pessoalmente, porque naquela época já havia grampo nos telefones e combinaram uma senha: “Por favor, quando ela chegar, você me avisa. Mas como você não pode falar o nome dela, você diz assim: ‘as bananas chegaram!’”. Como a tia estava por fora daquela situação toda, não entendia nada daquilo, quando a Mônica chegou, ela pegou o telefone e ligou para a mãe: “Oi, Liliane, as bananas chegaram. Estão tomando banho!”. (Risos)

Eram cenas, mesmo naquela loucura, que faziam a gente... Também todas nós tínhamos recebido de uma pessoa que visitou a Bahia as guias de vários orixás. E cada um recebeu uma. Mônica recebeu uma guia vermelha de Iansã. Quando foi presa e torturada, eles despiam a pessoa toda, a pessoa ficava nua – e a Mônica ficou com as continhas de Iansã. Ela tinha muita presença de espírito e falou assim: Meu Deus, o que vou fazer agora? Eles vão começar a me torturar agora, o que eu faço? Aí, ela começou: Iansã, minha mãe! Iansã! Iansã! Aí, os caras ficaram apavorados, um olhava para o outro e dizia: Ah, não, comece você. Não, não, comece você. Ela, pelo menos conseguiu adiar a tortura quando fez um apelo à nossa guerreira Iansã. Adiou um pouco, claro que também foi brutalmente torturada.

Então foi esse mundo que nos fez decidirmos, pena, Antônia, que Adô não esteja aqui, porque decidimos em muitas conversas, Adô, Jaques e eu, que não íamos ser presos; que não podíamos ser presos. Estávamos convictos de que o nosso caminho era a revolução, como achávamos, era construir um Brasil igual, um Brasil mais justo, e era isso que queríamos.

Então, decidimos ir embora para não abrir mão daquela alternativa. Alfredo que está aqui representando o PCdoB – naquela época, Alfredo, éramos do PCdoB – Partido Comunista do Brasil – e, para muita honra minha, o PCdoB me introduziu na luta política deste País. E quando decidimos que íamos embora era muito para reencontrar o PCdoB nas lutas. Fomos primeiro para Belo Horizonte.

Quando fomos para Belo Horizonte, numa trajetória toda clandestina, eu saí do Rio do hospital, eu havia sido operada de um cisto do ovário, saí sem alta, saí distante da minha família, desapareci do hospital, para pegar um carro e depois fomos embora para Minas Gerais, primeiro passando em Juiz de Fora e depois em Belo Horizonte. Quando chegamos a Belo Horizonte era tudo muito provisório e achávamos, com convicção, que em 15 ou 20 dias poderíamos voltar para o Rio, achávamos isso. Santa ingenuidade! 15 dias depois a Polícia do Exército, era a PE naquela época, estava plantada nas portas de cada um de nós. Aí, percebemos que não tinha volta. A gente não vai voltar mais, não vai voltar mais para nada, nem para a vida universitária, nem para aqueles tempos, porque tínhamos uma formação de classe média lá. Aí, fomos para Minas e decidimos também que íamos trabalhar. Zilton, nada de aparelho. Sabe aquela época que tinha uns aparelhos como chamavam que a esquerda ficava protegida, escondida, porque era a ditadura, mas decidimos que íamos trabalhar. Fomos trabalhar em Minas, depois percebemos que naquele ambiente de classe média mais baixa que estava conformada, porque o que está vendo hoje aqui, gente, muitas pessoas estão levando a vida normal, tudo normal, a democracia está ameaçada, mas está tudo normal. Na época da ditadura era assim também, muita gente levava a vida normalmente.

Então, achamos que em Belo Horizonte não iríamos encontrar possibilidade de reconectar com a revolução, com o Partido Comunista, então tínhamos que fazer outra coisa. Vamos embora então para onde? Vamos embora para São Paulo, Cedro, que era onde estava a classe operária. Aí, fomos para São Paulo para trabalhar nas fábricas. E o nosso batismo nas fábricas operárias foi em São Paulo. O meu não, porque eu já estava grávida de Mariana, mas de Adô e de Jaques que foram para as fábricas trabalhar. Adô perdeu 4kg em um dia porque no lugar de vulcanização de pneu de bicicleta, onde colocaram ele para trabalhar, na Pirelli, a empresa dava hidrax, que é um soro hidratante, de meia em meia hora, Cedro, para o peão para ele poder se sustentar, porque ele voltou para casa com 4kg a menos de desidratação mesmo, e Jaques empurrando pneu de bicicleta de um lugar para o outro. E começamos a trabalhar naquelas fábricas.

Delian lembra quando chegamos aqui à Bahia, já vínhamos de uma trajetória, tanto de Belo Horizonte como de São Paulo, de ter mergulhado numa realidade do povo brasileiro que a gente até então desconhecia, aquela imensa pobreza. Quando eu

tive em Belo Horizonte de ir para uma fila quilométrica de atendimento, não era SUS porque nem SUS existia, era atendimento de indigentes, como eles chamavam, pessoas que não existem, indigente é quem não existe. Então, aquilo tudo foi nos fazendo mergulhar na realidade brasileira e perceber que era aquilo mesmo que queríamos, queríamos mudar aquilo. Aquilo era muito aviltante, a pobreza era muito chocante. A gente não queria este País mergulhado na pobreza.

Quando fomos a São Paulo, eles reclamavam na fábrica, discutiam, discutiam, e viam que nenhum peão, nenhum operário se manifestava. Chegamos à conclusão de que as empresas – olha só como a cabeça de jovem é – multinacionais como a Pirelli, estavam tão avançadas que antecipavam as benesses para o trabalhador antes que ele reclamasse. Pensamos então: aqui não vamos conseguir nada! Alguém nos falou que havia uma área – vê só, Juca, que coisa de louco, a gente acreditou nisso! – libertada na Bahia! Porque foi a época da Guerrilha do Araguaia, foi a época daquelas... A gente acreditou. Eu mesma estava à disposição do Comitê Central do Partido Comunista do Brasil para ir ao Araguaia, eu ia para o Araguaia! Se eu não tivesse saído, eu tinha morrido no Araguaia, porque era para lá que eu ia.

Então, nós resolvemos, lá em São Paulo, quando a gente mergulhou na classe trabalhadora... Se a gente tivesse ficado, com certeza estaríamos naquelas históricas greves do ABCD paulista. Com certeza estaríamos! Mas a gente achou, Zulu, você, que sabe um pouco da história, que aquilo ali não ia dar certo, que o operariado não ia fazer revolução. Não encontramos o Partido Comunista, não reencontramos a luta! Mas gente queria fazer, então, “vamos embora, vamos para a Bahia, para aquela área libertada lá da Bahia.” Chegamos na Bahia nós três, um berço dobrado, um bercinho dobrado e Mariana com três meses de idade. Chegamos aqui para dizer o quê? A primeira sensação que tive, sinceramente, quando descemos na rodoviária das Sete Portas, e a gente ficou em um hotel... Que era um motel, daqueles mais baixos, inclusive, porque a gente entrou no Hotel Guadalajara. Lembram do Hotel Guadalajara? A gente resolveu se hospedar no Hotel Guadalajara – isso em 1974. Jaques fica com Mariana e vou eu e Adô, Antônia, para rua para procurar... adivinhe o quê? Vatapá! (Risos) A gente queria porque queria, porque desde a memória da minha adolescência na Bahia, tínhamos a Feira da Providência, lá no Rio de Janeiro, que era organizada por Dom Hélder Câmara, onde havia barraca do Brasil inteiro e do mundo inteiro, mas a barraca preferida da gente era a barraca da Bahia, onde íamos comer vatapá. Só que lá eles faziam. Tinha vatapá do Maranhão, também, que eles botavam. Ficamos achando que se comia vatapá solitário, sozinho, em qualquer lugar aqui na Bahia achávamos que íamos comê-lo. Então, saímos ali pela Sete Portas e perguntamos como íamos para o centro da cidade. Indicaram-nos que deveríamos ir para a Barroquinha. Pegamos o rumo da Barroquinha. Chegamos lá, em vários botecos perguntamos: “Tem vatapá”? Ninguém tinha vatapá! Falamos: “Meu Deus, como não tem vatapá? Resolvemos pegar acarajé, que tinha um bocado de vatapá dentro. Passamos pelo menos quase um mês almoçando e jantando acarajé: eram três acarajés no almoço e três acarajés no jantar. (Risos) Virei baiana logo no primeiro dia, não é Suely?

Então, aquele sabor da Bahia, a gente já vinha com aquelas coisas. E fomos perguntar: “Onde são os bairros populares aqui e Salvador?” O choque que tivemos, que já relataram aí sobre a pobreza da Bahia, foi imenso, porque era diferente. Vou dizer a vocês, sou uma pessoa apaixonada por futebol. Fui à Fonte Nova, e quando vi os jogadores da Bahia... porque eu estava acostumada com jogadores que víamos no Maracanã, que eram muito mais parrudos, muito mais fortes! Os jogadores da Bahia eram mirrados, aquela coisa... Eu falei: “Gente, tem uma pobreza aqui, que é uma pobreza crônica!” A pobreza que vimos na Sete Portas, aquilo era uma coisa chocante! E aquilo só nos confirmava que não queríamos viver em um mundo de tanta pobreza. Queríamos um mundo de inclusão social. Queríamos que todos pudessem, como Lula veio a dizer depois, comer pelo menos três vezes ao dia. A gente queria, definitivamente a gente queria isso.

Fomos para a luta. Fui para o Senai. Imaginem vocês! Eu tinha saído da universidade, lá no Rio, fui para o Senai – (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial). O único curso com o qual eu tinha familiaridade, lá no Senai, era o Curso de Artes Gráficas. Quanto ao resto dos cursos, todos eram para homens. Não havia cursos para mulheres. A mulher, sempre, foi relegada.

Fui fazer o curso de artes gráficas. Resolvi fazer uma área que só tinha homens trabalhando. O curso era de composição gráfica. Então, formei-me em compositora gráfica. À época, tinha uma caixa enorme, pois os tipos eram um a um. Não havia nada de composição eletrônica. Pegava-se um a um dos tipos e botava no componedor; ia lá, botava na chapa e fazia. Virei uma das primeiras mulheres a fazer isso. Aliás, havia uma outra mulher que fazia isso também.

E fomos iniciando a nossa vida sindical com a vida no Sindicato dos Gráficos. Acabamos concorrendo a uma eleição àquela época. Não sei se você lembra, Cedro, mas aquele foi um período em que começamos a tirar os pelegos dos sindicatos. Quem não é iniciado na área sindical não sabe o que é pelego. Pelego tem aquela pele que ficava entre o cavalo e a pessoa que era para amaciar. Então o pelego era aquele que estava ali no sindicato, mas para trabalhar pelo patrão! Ele não estava para trabalhar para o trabalhador! Então começamos a tirar os pelegos dos sindicatos.

Nós fomos à luta no Sindicato dos Gráficos. Eu e Rita éramos as únicas mulheres. Ultimamente, não consegui achar o telefone de Rita e não sei onde ela está. Queria tanto que ela estivesse aqui hoje. Nós éramos as únicas duas mulheres na chapa: eu, candidata a presidente; e Rita, participando como componente da chapa. Nós perdemos, Cedro, por 11 votos. Houve roubo. Votou, até, defunto. Votou gente que não era da categoria. Votou todo mundo. Perdemos por 11 votos! Ganhamos a eleição, evidentemente ganhamos, mas perdemos no voto roubado.

E, aí, fomos construindo um trabalho gigante na categoria. Depois, vieram os bancários, pois a luta do Sindicato dos Bancários foi gigante. Depois, vou falar com você, Lázaro, sobre toda a luta da cultura. A luta do Sindicato dos Bancários foi gigante. E, mesmo assim, conseguimos fazer movimentações que, realmente, pararam todo o sistema financeiro no Brasil àquela época. Havia movimentos nos sindicatos do Banco do Brasil, Caixa Econômica, Bradesco, Baneb. Enfim, todos os bancos

pararam, faziam a luta e a cidade toda participava.

Depois, eu fiz parte do Partido Comunista Brasileiro, o “PCBão”. Já no Partido Comunista Brasileiro, decidi pela minha candidatura ao cargo de vereadora de Salvador com uma pauta. Zulu lembra bem disso. Não sei se você se lembra desse detalhe, mas havia uma pauta sobre o meio ambiente e a mulher. Trouxemos a pauta com os seguintes temas àquela época: a questão cultural. Éramos, sempre, grandes na área cultural. Enfim, conseguimos ganhar a eleição. E Lena participou disso, decisivamente, comigo, pois fizemos uma contribuição decisiva para a Lei Orgânica do Município.

(Alguém, no plenário, manifesta-se fora do microfone.)

A Sr^a ELIZABETH MARIA SOUTO WAGNER:- Lena está lá. Lena se lembra da nossa contribuição para a lei orgânica. Você se lembra disso. Osório era o presidente da Câmara de Vereadores de Salvador. Àquela época, ele chegou a falar: “Esta menina parece uma formiguinha!”

(Alguém, no plenário, manifesta-se fora do microfone.)

A Sr^a ELIZABETH MARIA SOUTO WAGNER:- Hein?

(Alguém, no plenário, manifesta-se fora do microfone.)

A Sr^a ELIZABETH MARIA SOUTO WAGNER:- É isso!

As maiores contribuições e o maior número de emendas, para a lei orgânica, foram do nosso mandato! Estou falando “nosso”, porque o mandato era Lena. Então, éramos nós. Era um mandato em que se transformou em um veículo da população, Vânia, repito, veículo! Eis os temas: mulheres, questão urbanista, questão do meio ambiente.

Quanto a Cláudio Mascarenhas, não estou vendo mais aqui. Mas todo, repito, todo o capítulo de meio ambiente foi apresentado por nós e Gilberto Gil. Nós, em conjunto, com Gilberto Gil, apresentamos todo o capítulo de meio ambiente da Lei Orgânica do Município. Portanto, foi um trabalho extraordinário.

E, aí, surge, como quem não quer nada, essa possibilidade, porque nenhum homem conseguiu se viabilizar como candidato a governador do Estado àquela época no âmbito do campo da esquerda. Nenhum homem ou nenhuma candidatura masculina se viabilizou.

Porque nenhuma chapa masculina se viabilizou, resolveram, então, da seguinte forma: “Vamos botar essas mulheres aí para ver em que vai dar. Vamos botar essas mulheres!” Eram Lídice, Salete e Bete. Diziam: “Vamos botar elas para ver no que é que dá.” E deu, repito, deu!

Digo isso porque não eram quaisquer mulheres, eram mulheres densas, consistentes, com trajetórias de vida.

E, realmente, nós encantamos a Bahia. Até hoje, quando eu vou em vários municípios do interior da Bahia as pessoas falam da campanha e se lembram da campanha das três mulheres, que foi essa referência, inclusive, desbravando espaços para as mulheres na vida política desse Estado.

Não preciso dizer que ficamos prefeita e vice-prefeita, Juca foi secretário de Meio Ambiente, eu de Educação, nós fizemos juntos a educação ambiental, a pedagogia que o pessoal falou étnica, é interétnica, a gente trabalhou com uma pedagogia interétnica e fizemos a primeira conferência. Euzelinda está aqui e não me pode desmentir que foi uma das principais fontes da educação, e Lena, de novo, as duas grandes educadoras lá, numa montagem na Secretaria de Educação, que nos permitiu, num dia de greve, foi a primeira vez em toda a história de Salvador que foram aplicados os 25% na educação, quando Lídice era prefeita e eu secretária de Educação, a primeira vez.

E o dinheiro dava, deu para fazer tudo. A gente modificou o perfil das escolas, não foi Euzelinda? Fizemos eleição direta para diretores, fizemos a primeira Conferência Municipal de Educação, fizemos o Plano Decenal de Educação, enfim, eram muitas coisas que foram viabilizadas num compartilhamento. Estou vendo Socorro Fialho, que trabalhou conosco, inclusive na vice-prefeitura. Era uma arquitetura de muita participação.

E não foi diferente quando assumi a direção do Órgão Ambiental na Bahia. Estão aqui vários, os meus parceiros no projeto, na direção do Órgão Ambiental, inclusive na secretaria. Juliano estava aqui, Metade está aqui e os colegas, Ana Cordeiro, Joseval, César estava aqui, estavam vários aqui, Pedrinho, Pedro, queridíssimo, Tânia Pena que estava conosco naquela construção também. E olha que não é difícil fazer participação dos funcionários na gestão. Quem diz que é difícil funcionário que dá continuidade ao serviço, mas é uma coisa extremamente participativa. E fizemos um êxito naquela direção, Leandro que está aqui também, do Órgão Ambiental aqui na Bahia.

Eu não me quero prolongar muito nessa parte que mostra a trajetória. Mas, quero lembrar que, realmente, os dias de hoje são dias que eu, sinceramente, não pensei. Quando Lúcia falou isso, eu nunca pensei na minha vida de viver outro golpe, nunca pensei. Eu nunca pensei de ter que lutar de novo pela democracia, de novo. Renato que está aí, que acompanhou as lutas de meio ambiente, todas elas, todas. Eu me lembro na Lei Orgânica, Renato, de você lá com a gente construindo todo o capítulo da Lei Orgânica Municipal. Enfim, a questão urbanística que nós construímos com todos as pessoas, arquitetos, urbanistas, Paulo nem estava diretamente nisso, mas tinha Eliodoro, tinha Paraguaçu, tinham pessoas as mais ligadas à questão da urbanidade aqui em Salvador.

Enfim, voltando para os tempos, eu nunca imaginei de novo ter que lutar pela democracia. Mas, enfim, nós estamos condenados a isso de novo. E tem uma questão que eu considero vital, porque nenhuma geração de brasileiros, nenhuma geração de pessoas que nasceram no Brasil viveram a integridade das suas vidas na democracia, nenhuma. A democracia no Brasil é muito frágil, ela é muito incipiente. E a gente não gosta de um governo que tem crítica. Ótimo, critique. Eu mesmo estou com saudade dos tempos da possibilidade de fazer crítica, quando a gente pode, um ao outro, fazer a crítica construtiva, porque o país que está sendo construído, fascista, de ódio, não permite, porque o país foi polarizado, absolutamente polarizado.

Em me lembro que nessa trajetória de Bahia, que eu estava falando mais dos movimentos, a gente fez os bairros de Soledade, foi para a Fazenda Grande, aí que entra Antônia Garcia, a gente estava para ir para a Albânia, a gente ia para a Albânia, imagina como a gente era louco, a gente achava que tinha que ir para a Albânia, porque aqui no Brasil não ia ter lugar para fazer nada.

Então, a Igreja Católica foi o grande veículo para que a gente pudesse participar, em Fazenda Grande do Retiro, com Padre Paulo. Primeiro, Padre Andrés, que nos apresentou a Padre Paulo, Padre Cláudio Perrone, Dom Timóteo Amoroso Anastácio. Que gente grande, que nos protegia, levando todos para dentro do Mosteiro de São Bento!

Foram essas as personalidades que foram, ao longo da minha vida, me ajudando na formação democrática e isso acontecendo agora, de novo, nos remete a como é fácil, assim, parece um estalar de dedos. Estou me lembrando de Itacaranha, de Célia, Jamile, essas parceiras maravilhosas, essas pessoas lindas, que construíram conosco a trajetória de Itacaranha.

Então, quero dizer que é muito difícil o desmonte em pouco tempo, de algo que estava começando a se formar. Para quem não sabe, a agenda que estávamos tratando agora no Brasil, que era de inclusão de cotas, negros na universidade, educação, reforma agrária, etc. Sabem de quando é esta agenda? Vocês tem ideia de quando essa agenda está posta no Brasil? Desde o movimento abolicionista.

O movimento abolicionista brasileiro colocou esta agenda no Brasil. Qual era a agenda do movimento abolicionista? Reforma agrária, reforma educacional. Movimento abolicionista! Depois foi retomado com Rui Barbosa, só com Rui Barbosa, em 1910, na campanha civilista, o aspecto da agenda de educação.

Depois foi retomada por Pedro Ernesto – prefeito do Rio, de 1931 a 1934 e de 1934 a 1936 –, que fez reforma educacional com o grande, o maravilhoso Anísio Teixeira. E ele mesmo, Pedro Ernesto, médico – Valfredo –, que fez toda uma mudança no sistema de saúde no Rio de Janeiro. E depois, eu nem conto o Getúlio, apesar de que ele colocou, realmente, as reformas trabalhistas, mas porque foi um tempo duro de ditadura, do Estado Novo, etc, mas teve ganhos trabalhistas naquele momento.

Mas, eu nem conto, porque foi uma espécie de democracia... Democracia, não, porque foi ditadura, mesmo, uma coisa sem povo, mas, teve. A gente recupera um pouco de uma certa discussão democrática, um pouco muito, com JK e depois, soube trazer a cultura, as artes, a discussão, o desenvolvimento, mas não tinha a agenda perdida do abolicionismo. Ela só foi retomada com João Goulart, que trouxe as reformas de base, que eram o que? Reforma agrária, reforma educacional, LDB, tudo foi feito com João Goulart. E aí Lula e depois Dilma retomam isso.

Lula consegue ingressar, já falaram antes, 40 milhões retirados da pobreza! Que incômodo que causa para essa gente, negros e pobres na universidade! A elite brasileira é tão perversa, é tão ególatra, é tão nonsense! É uma coisa completamente louca, que eu não consigo nem compreender. Eles odeiam ver a inclusão social.

Então, isso tudo foi criando a possibilidade, porque teve erros. Isso que eu estava dizendo. Eu queria muito o tempo da crítica, da gente poder fazer críticas e diálogos. Eu tive muita crítica a Joaquim Levi. Cláudio Mascarenhas é testemunha das minhas críticas às questões ambientais. A gente tem críticas, mas no momento atual, tudo ficou tão polarizado, que a gente tem que priorizar a luta pela democracia. Essa é a grande prioridade, a luta pela democracia. (Palmas)

A prioridade é a luta pela democracia. E a luta, hoje, pela democracia envolve o que? O desmonte que já falaram. O SUS, quem lutou pelo SUS? Quem foi da primeira conferência, Solla, a primeira conferência nacional de Saúde? Jorge Solla que foi um dos construtores, com Alfredo, disse, para vocês ouvirem, agora, que o SUS não vai ser universalizado. Ou seja, nem todo mundo será atendido. Gente, isso é o fim do pilar do Sistema Único de Saúde. É simplesmente o fim. A base é a universalização.

Então, nós temos, agora, um homem que vai para o Ministério da Justiça e foi advogado do PCC, de líderes do narcotráfico. Temos um general, que foi conduzido a um tal de serviço de informação não sei do quê, que reedita o antigo Serviço Nacional de Informação, o SNI da época da Ditadura, um homem da linhagem mais bárbara do Exército, o Etchegoin, uma família de torturadores. Esse cara está hoje no governo interino, golpista e ainda por cima decorativo. Porque Temer não é nem o presidente, o presidente mesmo interino, golpista é Cunha, que manda e desmanda nele. Então, é nessa conjuntura que estamos.

Imagina o que é o presidente ser interino, golpista e decorativo. Não tem palavra que descreva a que estamos sendo reduzidos. Tirar verba da educação, acabar com Fies, acabar com o Pronatec, acabar com o Minha Casa Minha Vida, reduzindo o Bolsa Família, tirando mais de 70% das pessoas. Tem uma elite que diz que Bolsa Família é esmola, mas a maioria, a massiva maioria das pessoas sai do programa quando tem a possibilidade mínima de dignidade.

Essa elite não sabe o que é, não. Essa elite não sabe o que é passar fome. Então para eles é tanto faz, como tanto fez. Volta o pobre para a senzala. O que eles querem é que o povo todo volte para a senzala. Saíram demais, foram para aeroporto, foram para a universidade. Pobre na universidade? Negro na universidade? Volta todo mundo para a senzala. Para quê? É esse o grande incômodo deles.

Estamos vendo um movimento inédito neste país. E, Juca, vou lhe dizer uma coisa: você tem grande responsabilidade nisso. Porque o que o povo da cultura está fazendo é algo de inacreditável. Assumindo os espaços do Ministério da Cultura, o Ministério que é seu, o Ministério que é realmente daqueles que criam, produzem, fazem e constituem a diversidade deste país.

O movimento das mulheres, Madalena, Vânia, Antônio, falei aqui do seu pai tantas vezes, você, infelizmente, não pôde pegar. Quem diria, Antônio, que estaríamos voltando aos tempos do Martelo das Feiticeiras. Vocês sabem o que é o Martelo das Feiticeiras? Foi um código criado, um manual, criado por 2 dominicanos alemães, que fizeram o Malleus, Malleficarum, um guia de como identificar as bruxas e como levá-las à fogueira. Era uma caça às bruxas literalmente. Voltamos a esse tempo, gente. A

um tempo em que temos que ouvir que aborto, mesmo de estuprador, não pode existir, que as mulheres têm que levar adiante gravidez de estuprador. Pelo amor de Deus. (Palmas)

Estamos sendo submetidos a uma misoginia infame. Ou vocês acham que aquele cartaz que fizeram da Dilma, com as pernas abertas, para colocar a bomba de gasolina do carro, simulando um estupro... Isso é um país que está voltando à misoginia, ao ódio às mulheres. Misoginia é isso, é o ódio às mulheres. Estão querendo, de novo, botar a gente na fogueira. Pois eu vou dizer logo: nós não seremos queimadas nunca mais! Nunca mais, nunca mais! (Palmas)

Além desse movimento genial das mulheres, com as suas filhas, suas crias na frente das passeatas. Vocês já viram? Essas mulheres lindas, guerreiras, de luta. Como as nossas mulheres baianas, que foram lá para protestar contra o golpe e o comandante da TAM – acionado por deputados que não têm nada a ver com o movimento de mulheres – prendeu 73 mulheres da delegação baiana, em Brasília. Isso é possível de tolerar? Isso é simplesmente intolerável. Cada dia se amplifica mais.

A sensação que tenho, sabe qual é? Que esse poço não tem fundo. E o pior de tudo, a gente perdeu completamente a segurança jurídica. Acabou o Estado Democrático de Direito no Brasil. Acabou!

Você olha para um lado, olha para o outro, porque quando a Justiça é seletiva, minha gente, quando a Justiça só ataca um lado, um partido, uma pessoa... Ou vocês acham mesmo que o Aécio – que estava com aquele grupo naquele helicóptero com 500 toneladas de cocaína –, que o Geddel Vieira Lima, que essa galera, esse grupamento todo que fez aquela cena horripilante no dia 17, vocês acham mesmo que essa gente é honesta? Que essa gente é um padrão de honestidade moral e bons costumes? Será que vocês acham mesmo? Nós brasileiros não somos bobos. Eles tripudiam sobre a nossa inteligência, mas nós não achamos isso, não.

Quando a Justiça é seletiva, nós perdemos completamente a possibilidade de recorrer a alguém. Se acontecer alguma coisa com algum de nós, vamos recorrer a quem? Ao STF, que o Gilmar Mendes recebe um processo de Aécio e no dia seguinte engaveta? A quem vamos recorrer? Não temos, Tiago, a quem recorrer. O mundo do Direito se esfacelou, e quando o mundo do Direito se esfacela, perdemos a mínima estabilidade sobre a qual a política se constitui.

E eu vou dizer a vocês o seguinte: há um autor, que se chama Primo Levi, um judeu-italiano que foi para o campo de concentração. Ele diz que a pior coisa no campo de concentração era a instabilidade total. Num dia o carrasco nazista matava uma pessoa porque ela se comportou de tal forma; no dia seguinte, a pessoa imaginava assim: “Bom, eu vou me comportar de outra forma, porque aí ele não vai me matar”. Mas no dia seguinte, depois de ele ter se comportado de outra forma achando que o carrasco ia poupá-lo, ele é morto também. Quer dizer, não havia regra, não havia nada. Acabou regra. Então ele diz que a instabilidade é existencialmente insuportável para as nossas vidas, para quem tem seus negócios, para quem tem seu trabalho.

Eles jogaram o Brasil numa instabilidade completa. Desde que Dilma assumiu a Presidência... Agora nós não temos nenhuma possibilidade de saber que regra vai nos nortear, não há mais regras, acabaram as regras. Um mundo sem regras não é um mundo que se tenha conforto para se viver.

Então nós não podemos fazer outra coisa. Eu poderia dizer que o movimento da juventude – falei das mulheres, falei da cultura – tem me surpreendido, mas vou dizer a vocês que não me surpreende, não. Nenhum país do mundo que tenha tido grandes lutas dispensou a juventude. E a juventude esteve sempre na liderança, na frente, construindo, criando, desbravando o movimento social neste País.

Helen, eu tenho muito orgulho dessa juventude que vocês estão participando agora, pela garra, pela criatividade, pela capacidade. Que coisa mais linda a juventude paulista ocupando aquelas escolas, todas degradadas, dizendo: “Eu quero aula! Mãe, pai, eu estou aqui na luta pela educação”. Que coisa mais forte! Que recado impressionante para nós que somos pais, mães e avós desta geração.

Então muita coisa boa está acontecendo neste País hoje.

E há alguma coisa que eu gostaria de dizer a vocês, já finalizando, que diz respeito... Sou uma pessoa que tem grande admiração por uma autora que se chama Hannah Arendt, uma alemã judia que escapou do nazismo. Ela, filósofa e uma das maiores intelectuais do mundo, escreveu sobre o totalitarismo.

Hannah Arendt cita o René Char, poeta francês que participou da Resistência Francesa na época em que a Alemanha nazista ocupou a França. René Char diz que naquele período da resistência houve um momento que se sentiu que estava acabando, que já estavam liberando a França, e ele iria voltar aos dias normais. Ele falou assim: “Vou voltar àqueles dias de uma textura completamente opaca. Eu vou voltar àqueles dias em que não vou ter mais a felicidade da comunhão que eu vivenciei esses tempos, quando eu podia ser eu mesmo nas conversas com as pessoas, onde eu ouvia e era ouvido, onde eu via e era visto, onde nós criamos uma parceria.”

Aquela felicidade que Hannah Arendt chama de felicidade pública. Não há felicidade maior e possível de ser vivenciada pelo ser humano do que a felicidade pública. E eu vou citar também uma outra coisa dela, sobre Sófocles, que escreveu uma trilogia... Essa é a peça dele da velhice: “Édipo em Colono”. E ele diz que quando se dá o ingresso na vida, no mundo, não tem o que se dizer de onde se veio, que é uma coisa impossível de ser elaborada, mas quando se dá conta disso, o melhor que a pessoa poderia fazer é voltar à origem, ou seja, não ter nascido. E o que o Sófocles está dizendo? Que a experiência humana é horrível, é tenebrosa. Então, o melhor a se fazer é voltar.

Mas o mesmo Sófocles, pela boca de Teseu, que é o fundador de Atenas...

Atenas é o lugar da pólis. A Grécia nos deu o nome política. Todo mundo, no mundo inteiro, diz política por causa da pólis grega. Essa é a política.

Então, o que nos disse Teseu? Que para jovens e velhos a única alternativa de vida digna a ser vivida é a vida na pólis. O que ele está dizendo? É a vida na política com grandeza, não é essa politicagem barata, com esse bando de gangsteres. Estou

falando de política com grandeza, da política com diversidade, com pluralidade, com diálogo, dessa política que buscamos construir.

Então, eu quero dizer a vocês que o que está ocorrendo de movimento, hoje, no Brasil não é movimento de turba, de um bando de gente que não sabe para onde vai. Não é, não. É muito diferente daquela massa que não tem nenhuma orientação política e que é apolítica, é pré-política, que odeia a política, que expulsa a gente com bandeira de manifestação. Não é isso, não. O que está acontecendo é gente que discute lá, na ocupação do MinC, é gente que discute nas ruas, como discutiu ontem em Porto Alegre, no Espírito Santo, em São Paulo, na Bahia, no Rio Grande do Norte, no Ceará, e em todos os dias.

Eu não sei quanto fôlego nós todos estamos conseguindo para estar todos os dias nas ruas. Esse movimento é um movimento eminentemente político, com debate, com discussões.

E eu quero dizer a vocês que da Bahia eu já me sinto muito impregnada. Eu sou baiana há muito tempo. Eu me impregnei da cultura da Bahia. Eu adoro tudo da Bahia. Eu sou uma pessoa que vivência todas as festas dessa terra. Eu sou uma pessoa que ama o Carnaval de paixão. Sou uma pessoa que curte todas as festas de largo. Sou uma pessoa que ama a cultura da Bahia, o teatro, as manifestações de dança, das orquestras.

Adoro os bairros populares da Bahia porque é onde se faz cultura. Eu sempre gostei de morar perto dos bairros populares porque é onde se faz a cultura, onde se cria. Passem num bairro de elite daqui, de Salvador, ou de qualquer lugar, e podem ver a frieza. Entrem num bairro popular, cheguem numa quinta-feira, numa sexta-feira num bairro popular e podem ver a alegria, a pulsação, a força cultural que existe ali.

Então, eu sou baiana há muito tempo. (Palmas)

Essa vida toda me converteu, mesmo, em baiana, com muito orgulho. A Bahia dos orixás, a Bahia dos santos. Eu amo essa Bahia!

Eu vou encerrar dizendo uma coisa que disse o meu querido amigo de tantas jornadas, que é o Mattedi. Ele disse ontem, e eu já disse a ele que ia pegar. Eu agora recebo esse título e sou legalmente baiana. E eu posso dizer agora que sou Bete da Bahia.

Obrigada. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Esta é a nossa Bete Wagner.

(O Plenário grita: Fora Temer! Fora Temer!)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Quero justificar a ausência do nosso presidente, Marcelo Nilo, que está em viagem com o governador do Estado; registrar a presença de Kit Tavares, diretora do EAMA; do ex-deputado Professor Valdeci; da professora Sílvia Galo; e de Juliano Moraes, vereador de Caravelas.

Aguardo a homenageada para lhe fazer a entrega de algumas lembranças em nome da Casa, do mandato e do gabinete. (Pausa) Por favor, Bete, aceite estas lembranças. (Palmas)

Convido todos a ouvir o Hino da Bahia.

(Execução do Hino da Bahia.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Um minutinho só que Bete quer fazer uma lembrança.

A Sr^a Elizabeth Maria Souto Wagner:- Quero registrar – acabei esquecendo na hora em que falei – a presença de duas pessoas fundamentais nessa minha trajetória na Bahia, que são Maria José e Zé Feliciano. Maria José, dos tempos da Fazenda Grande, e Zé Feliciano, de todos esses tempos. (Palmas)

Axé, axé Bahia! (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Em nome do Poder Legislativo da Bahia, agradeço pela presença aos deputados estaduais, às autoridades civis, aos amigos, às senhoras e aos senhores da imprensa, agradeço a todos vocês.

Viva Bete Wagner, viva a democracia! (Palmas)

Está encerrada a sessão.

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-parlamentar/sessoes-plenarias.php>. Acesse e leia-as na íntegra.